



revista cristã  
última chamada

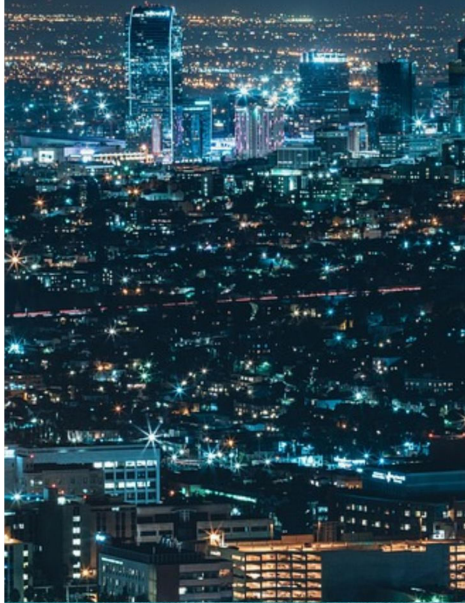


Devemos Votar  
no MENOS PIOR?

Kenneth L. Gentry, Jr.



# O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

[www.  
revistacrista  
.org](http://www.revistacrista.org)

# Devemos Votar no MENOS PIOR?

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução e adaptação textual por  
César Francisco Raymundo



revista cristã  
última chamada

---

# Patrocine esta obra!

---

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

## Doe via depósito bancário

**Banco:** Caixa Econômica Federal

**Em favor de:** César Francisco Raymundo

**Agência:** 3298

**Operação:** 013

**Conta:** 00028081-1

## Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

[www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

Contato:

[ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)

[contato@revistacrista.org](mailto:contato@revistacrista.org)

## **Devemos Votar no MENOS PIOR?**

**Autor:** Kenneth L. Gentry, Jr

**Título original:** SHOULD WE VOTE LESSER OF EVILS?

**Site:** <https://postmillennialworldview.com/2026/03/24/should-we-vote-lesser-of-evils-1/#more-25531>

Acessado dia 03/04/2026

**Capa:** César Francisco Raymundo  
(Imagem alterada com a bandeira do Brasil ao fundo  
de Sinisa Maric por Pixabay.com)

---

Revista Cristã Última Chamada publicada  
com a devida autorização e com todos os  
direitos reservados no Escritório de Direitos  
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de  
Janeiro sob nº 236.908.

Editor  
César Francisco Raymundo

E-mail: [ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)  
Site: [www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

Porto Belo – Santa Catarina  
Abril de 2026

# Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	08
Introdução:	
Motivos Ruins para Evitar a Política	09
Conclusão desta Introdução	12
Parte 1	
Os Cristãos Brasileiros Precisam Refletir sobre as Opções na Política	13
Nosso Dilema Atual	14
Parte 2	
A Questão do Princípio	17
Parte 3	
Avaliando Nossos Princípios	22
A Questão da Teologia	26
Parte 4	
A Questão das Escrituras	28
Nossa Estratégia de Longo Prazo	31
Conclusão	
Como Cristãos Estamos Comprometidos com Princípios	34
Obras importantes para pesquisa...	36

## Sobre o autor

---



**Kenneth L. Gentry, Jr.**, Th.D., é um pastor, escritor, palestrante e conferencista conservador reformado. Nasceu e cresceu em Chattanooga, Tennessee. Obteve o seu título de Mestre em Divindade (M.Div.) no Reformed Theological Seminary e o Mestre (Th.M.) e Doutor em Teologia (Th.D.) no Whitefield Theological Seminary. Ele é o Diretor do [NiceneCouncil.com](http://NiceneCouncil.com) e pastor na Reformed Presbyterian Church, General Assembly. É casado (desde 1971) e tem três filhos e cinco netos.

# Apresentação

---

O material deste e-book é composto de cinco artigos do teólogo Kenneth Gentry Jr. Ao longo do texto, procuro expor de forma clara e organizada seus principais argumentos sobre o papel do cristão na política, especialmente diante de cenários eleitorais marcados por escolhas difíceis e imperfeitas.

Algumas das falas e aplicações originais do autor foram adaptadas para o contexto brasileiro, levando em consideração nossa realidade social, cultural e política. Em especial, essa abordagem dialoga com o cenário das eleições presidenciais de 2026, quando os cristãos no Brasil também serão desafiados a refletir com responsabilidade sobre suas decisões políticas.

A proposta aqui é conduzir o leitor a uma reflexão bíblica e prática sobre o envolvimento político cristão, ressaltando a importância de agir com princípios, sabedoria e visão de longo prazo, mesmo em meio a circunstâncias imperfeitas.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo  
Editor da Revista Cristã Última Chamada

# Introdução

## Motivos Ruins para Evitar a Política

---

Este é um ano eleitoral no Brasil.<sup>1</sup> E os cristãos precisam refletir sobre suas circunstâncias e deveres políticos. Afinal, os cristãos devem estar comprometidos com uma cosmovisão cristã holística. E, por sua própria natureza, uma cosmovisão deve abranger o "mundo". E, visto que a política desempenha um papel fundamental na sociedade humana, seria de se esperar que todos os cristãos reconhecessem a importância do envolvimento cristão na política. Mas estaríamos enganados.

Muitos cristãos desencorajam o envolvimento na política. Aliás, muitas vezes tentam usar as Escrituras para dissuadir os cristãos de se envolverem em atividades e preocupações políticas. Outros simplesmente evitam questões políticas por um motivo ou outro. Algumas das principais queixas contra o envolvimento ou a preocupação com a política são as seguintes:

### **O temor do homem:**

“A política envolve poder, e o poder corrompe. Portanto, os cristãos devem se manter afastados da política, pois ela é repleta de perigos”.

---

<sup>1</sup> N. do Tradutor: no original “nos Estados Unidos”.

Mas, ao seguirem esse princípio, os cristãos deixam esse poder nas mãos de homens corruptos — homens corruptos que muitas vezes buscam suprimir a fé cristã na cultura. Além disso, como bem sabemos, a tentação pecaminosa nos cerca por toda parte: devemos evitar tudo por considerá-lo perigoso?

### **A política é suja:**

Como observei de forma irônica na introdução de um dos meus capítulos, é uma pena que 90% dos políticos deem má fama aos outros 10%. Mas quem vai limpar a política se os cristãos se recusarem? Provérbios 29:2 nos ensina:

“Quando os justos prosperam, o povo se alegra; mas quando o ímpio governa, o povo geme”.

Talvez a política seja suja porque muitos cristãos se afastaram dessa luta.

Os cristãos devem se envolver na política para corrigir esse problema. João Batista não encorajou os soldados romanos a renunciarem às suas patentes por causa dos abusos do exército; em vez disso, ele os exortou a se comportarem moralmente dentro do sistema:

“Alguns soldados o questionaram, dizendo: 'E nós, o que devemos fazer?' Ele respondeu: 'Não extorquem dinheiro de ninguém, nem façam falsas acusações; contentem-se com o seu salário’”.

(Lucas 3:14)

## **A política desvia dinheiro do evangelho:**

“O dinheiro gasto em questões políticas deveria ser gasto em evangelismo e missões”.

Mas vemos em governos opressores no exterior e até mesmo em frequentes leis americanas que a política tem o poder de restringir e suprimir ministérios cristãos — se não for controlada pela influência cristã. Sem a participação e representação cristãs no processo político, nossas liberdades religiosas irão gradualmente se dissipar. Como podemos nos manter à parte do processo político?

As tendências políticas e sociais da última geração deveriam servir de alerta claro de que a liberdade exige cuidado e atenção diligentes — especialmente por parte da comunidade cristã. Além disso, seguindo essa linha de raciocínio, praticamente todos os empreendimentos humanos deveriam ser interrompidos para que o dinheiro pudesse ser usado em missões — incluindo educação, planejamento de aposentadoria, compra de carros, férias, decoração de casa e assim por diante. Considere quanto você gasta com coisas “deste mundo” em comparação com o quanto você doa para ministérios do evangelho.

## **A vitória na política é uma esperança vã:**

“Por que se envolver se sabemos que vamos perder?”, lamentou J. Vernon McGee (1904-1988), numa frase célebre: “Por que polir latão num navio que está afundando?”

Mas essa atitude, na verdade, se torna uma profecia autorrealizável. Certamente você não vai vencer se não se envolver. O grande número de cristãos na América <sup>2</sup> precisa ser motivado, não desencorajado.

---

<sup>2</sup> N. do Tradutor: podemos aplicar ao contexto brasileiro também.

“Já que Cristo voltará em breve, por que se envolver na busca de soluções políticas de longo prazo para problemas sociais?”

Mas os cristãos vêm prevendo o retorno de Cristo há séculos. Além disso, não deveríamos buscar promover o bem, independentemente de quanto tempo tenhamos que fazê-lo? E, logicamente, esse princípio não deveria nos encorajar a adiar a educação e a poupança para a aposentadoria?

### **Deus nos chama a nos separarmos do mundo:**

“Já que Deus nos ordena a ‘sair do meio deles e nos separarmos’, não devemos nos envolver em política. Em vez disso, devemos demonstrar em nossas vidas como o cristianismo se distingue do mundo”.

Mas essa interpretação de 2ª Coríntios 6:17 está errada e, se aplicada indiscriminadamente, faria com que os cristãos vivessem em comunidades isoladas, totalmente separados de nossa cultura.

## Conclusão desta Introdução

Eu poderia continuar indefinidamente. Vocês já ouviram isso antes. Esses princípios equivocados agravaram o problema que estamos enfrentando agora. Se realmente queremos ser “uma nação sob Deus” e que nossa nação se comprometa com o princípio “Em Deus nós confiamos”, precisaremos fazer com que nossa voz seja ouvida no processo político.

## Parte 1

# Os Cristãos Brasileiros Precisam Refletir sobre as Opções na Política

---

À medida que nos aproximamos das importantes eleições fora do ciclo eleitoral, os cristãos brasileiros <sup>3</sup> precisam refletir cuidadosamente sobre as opções que temos diante de nós. Como pós-milenistas, reconhecemos que estamos em uma luta sociopolítica. Uma luta de longo prazo. Portanto, devemos agir de acordo. Quer queiramos ou não, na política não podemos esperar sucesso da noite para o dia por meio de uma eleição específica ou de um candidato "perfeito". Votar continuamente no candidato "perfeito" quando sabemos que ele vai perder não nos ajuda a construir um futuro melhor, pois, ao fazer isso, estamos cedendo mais vitórias aos liberais declarados. O liberalismo é uma bagunça. E quando essa bagunça se espalha por todos os lados, é muito difícil limpá-la.

Os Estados Unidos<sup>4</sup> são uma república, não uma democracia. Em vez de sermos uma democracia governada diretamente pelo povo, somos uma república na qual elegemos nossos representantes e lhes damos o poder de tomar decisões em nosso nome. Todo cidadão adulto dos Estados Unidos (a menos que seja um criminoso condenado) tem o direito de votar. E, como cristãos, nossa visão de

---

<sup>3</sup> N. do Tradutor: no original está "cristãos americanos".

<sup>4</sup> N. do Tradutor: o mesmo pode ser dito sobre o Brasil.

mundo nos obriga a votar para que possamos exercer uma influência justa na governança da nação.

Mas agora o problema. Embora os cristãos estejam bem representados na América, dois problemas reduzem nossa influência: (1) não representamos a maioria da população e (2) não estamos de acordo entre nós em relação a questões políticas.

Como consequência das nossas circunstâncias atuais, temos poucos candidatos realmente bons para escolher para nossos líderes. O que devemos fazer? Como devemos agir em um ambiente político tão heterogêneo? Gostaria de oferecer algumas orientações sobre o que nós, como cidadãos cristãos, devemos fazer. Para começar, considerarei primeiro o seguinte:

## Nosso Dilema Atual

Como há poucos candidatos que atuam com base em princípios bíblicos sólidos, e como, na maioria das vezes, esses poucos bons candidatos têm pouca chance de vencer uma eleição geral, nos encontramos diante de um dilema. O dilema eleitoral que enfrentamos é conhecido como o problema do "mal menor" [ou o menos pior]. Ou seja, se nós, como eleitores, estamos em uma eleição política com vários candidatos e percebemos que o melhor candidato não pode vencer, o que devemos fazer? Nos deparamos com a perspectiva de votar em nosso candidato preferido, sabendo que ele perderá, ou votar em um candidato alternativo, mais viável, porém menos aceitável, na esperança de que ele derrote o outro candidato ainda menos qualificado. Nesse caso, o candidato alternativo se torna o "mal menor" entre aqueles que têm boas chances de serem eleitos.

Muitos cristãos devotos chegam a nos exortar a não considerar votar no menos pior. Por exemplo, um site chamado “*Defending. Contending*” afirma:

“...minha posição atual é que os verdadeiros cristãos não deveriam ter que votar se primeiro tiverem que se sentar e avaliar qual candidato é o menos pior entre dois males”.<sup>5</sup>

Peter Diezel coloca isso de forma mais enfática:

“Eu simplesmente não consigo me convencer de que seja bom votar no mal. Até onde eu sei, o menos pior ainda é o mal”.<sup>6</sup>

Essas são palavras fortes que representam desafios evangélicos vigorosos para os cristãos que consideram votar em um candidato que não possui todas as convicções conservadoras. No entanto, certamente devemos aplicar nossa visão de mundo cristã, firmemente arraigada, à ordem política. O que devemos pensar desses desafios? Como devemos responder ao desafio do mal menor?

Acredito que, embora esses comentários sejam bem-intencionados e pareçam plausíveis à primeira vista, eles acabam falhando como uma resposta cristã adequada à nossa situação. Permitam-me explicar, a partir de uma perspectiva política conservadora e de uma perspectiva cristã fundamentada na Bíblia, por que digo isso.

Ao permitir a abordagem do "mal menor" na votação, a partir de uma perspectiva cristã, sugiro que primeiro observemos os princípios envolvidos e, em seguida, consideremos suas justificativas teológicas e bíblicas. Apresento a questão dos princípios primeiro para

---

<sup>5</sup> “Pilgrim” on the “Defending Contending” website (June 6, 2009). <http://defendingcontending.com/2011/06/09/should-christians-vote-for-the-lesser-of-two-evils/>

<sup>6</sup> Peter Diezel, “Voting for the Lesser of Two Evils Is Evil.” “Word of His Grace” website (May 9, 2008). <http://www.wordofhisgrace.org/evilisevil.htm>

introduzir o argumento; depois, mostrarei por que acredito que podemos endossá-lo dentro de uma cosmovisão cristã. Mas isso ficará para minha próxima publicação!

## Parte 2

# A Questão do Princípio

---

No meu último artigo, mencionei que estamos em ano eleitoral nos Estados Unidos<sup>7</sup> e que, como cristãos, precisamos considerar as questões políticas. Mas agora quero me concentrar no que é de vital importância:

Precisamos refletir cuidadosamente sobre a questão do princípio em si, o que farei sob vários tópicos.

Primeiramente, é preciso distinguir nossos princípios. Ao nos envolvermos na política, devemos ter cuidado para não colocar nossas ações políticas (como o voto) no mesmo nível de nossos compromissos doutrinários (ou seja, a fé nas Escrituras). Devemos evitar desenvolver uma visão política messiânica. Isto é, não devemos acreditar que, se conseguirmos eleger o candidato certo, ele salvará nossa nação.

Esse problema de encarar princípios políticos como se estivessem no mesmo nível que convicções doutrinárias é bastante comum. Por exemplo, considere o site *“Defending Contending”* citado acima. Observe como o autor (“Peregrino”) inicia o debate: “os verdadeiros cristãos não deveriam ter que votar se primeiro tiverem que se sentar

---

<sup>7</sup> N. do Tradutor: no Brasil também teremos eleições neste ano.

e avaliar qual candidato é o menos pior”. Esse autor está classificando os “verdadeiros” cristãos por seus votos, em vez de por seus compromissos doutrinários e estilo de vida pessoal. Esse tipo de pensamento aparentemente acredita que “pelos seus votos os conheceréis”.

Nossas convicções doutrinárias diferem de nossas ações políticas porque são imunes à revisão. As convicções doutrinárias estão enraizadas na revelação completa e permanente de Deus nas Escrituras. É claro que nossas posições políticas devem estar enraizadas em nossa compreensão das Escrituras para que sejam compromissos relativamente seguros. Mas nossas ações políticas não são extraídas diretamente da Bíblia e estão presas a um sistema construído sobre a necessidade de compromisso. Não votamos de acordo com nossas convicções doutrinárias. As ações políticas não estão no mesmo nível que as convicções doutrinárias. Elas também envolvem invariavelmente um compromisso com homens caídos e suas promessas políticas.

O teólogo cristão evangélico J.I. Packer observou sabiamente:

“O compromisso político, a manobra básica [da política], é algo bem diferente do sacrifício de princípios. Seja o que for verdade no campo da ética, o compromisso na política não significa o abandono de princípios, mas a disposição realista de se contentar com o que se considera menos do que o ideal quando é tudo o que se pode obter no momento. O princípio que o compromisso expressa é que meio pão é melhor do que nenhum pão”.<sup>8</sup>

Em segundo lugar, estabelecer nossos princípios. Os cristãos que argumentam que devemos votar no candidato “certo” por causa de

---

<sup>8</sup> J. I. Packer, “How to Recognize a Christian Citizen,” Christianity Today Institute in Christianity Today, 29: 7 (April 19, 1985), 7.

nossos princípios ignoram uma questão importante: o problema dos princípios conflitantes. O que quero dizer com isso?

Tomemos como exemplo o compromisso com o “governo constitucional”. Normalmente, os cristãos conservadores desejam um candidato que atue segundo os princípios constitucionais. Suponhamos agora que três candidatos estejam concorrendo a um determinado cargo. O candidato A promove uma plataforma baseada em fortes compromissos constitucionais. O candidato B tem algumas posições firmes, mas é fraco em outras áreas. O candidato C tem pouco interesse em manter políticas constitucionais e promove uma plataforma claramente antitética à Constituição. Mas suponhamos agora (como frequentemente acontece) que o candidato A tenha índices de aprovação desfavoráveis, indicando uma derrota esmagadora praticamente certa.

O cristão constitucionalista convicto agora enfrenta um dilema. Ele admira a plataforma do Candidato A, mas reconhece que é quase certo que este será derrotado. Ele sabe que, se votar no Candidato A, estará, em última análise, ajudando o Candidato C, atraindo eleitores pró-Constituição. Conseqüentemente, ele decide votar no Candidato B, que é parcialmente constitucional, em vez do Candidato C, que é anticonstitucional. Com essa ação, ele está escolhendo o mal menor. Mas será que está agindo de forma inescrupulosa? Não! Na verdade, é exatamente o oposto. Deixe-me explicar.

Como o cristão que vota no menos pior tem princípios pró-Constituição bem definidos, seu compromisso político fundamental é defender e promover o governo constitucional. Portanto, considerando as circunstâncias reais que enfrenta, ele está agindo praticamente com o mesmo princípio do cristão que votaria apenas no Candidato A. Ou seja, ele está votando para apoiar a Constituição, reconhecendo que, se o Candidato C fosse eleito, ele a minaria radicalmente. Ele está votando, portanto, para limitar os danos causados à nossa forma constitucional de governo. Assim, ao votar

no Candidato B, seus princípios em relação ao governo constitucional o levaram a defender a Constituição da melhor maneira possível nas circunstâncias atuais, opondo-se ao inimigo maior e mais perigoso da Constituição. Se ele tivesse votado no Candidato A (que certamente perderia), o Candidato C estaria, na prática, ganhando um voto que lhe permitiria obter mais influência anticonstitucional a longo prazo.

Ao votar no menos pior, o cristão age com base em princípios realistas. Já o outro cristão, que vota apenas no candidato "puro", vota com base no idealismo. O realista de princípios adota uma postura de precaução, nutrindo a esperança de que um dia constitucionalistas mais comprometidos consigam vencer uma eleição. Votar em uma derrota certa é como dizer: "Sejam aquecidos e saciados". Seu coração (ou seja, seus princípios) está correto, mas suas ações (ou seja, seu voto) são contraproducentes (e até mesmo prejudiciais).

Permitam-me apresentar um exemplo útil de como o realismo baseado em princípios (votar no "menos pior") pode levar a um resultado melhor do que o idealismo, ao mesmo tempo que se tenta manter a posição. Digamos que dois projetos de lei sejam apresentados na Câmara dos Representantes a respeito do aborto. Ambos os projetos são apresentados no atual contexto legal que permite o aborto a pedido (aborto por qualquer motivo) em todo o país. O Projeto de Lei A adota uma posição fortemente pró-vida, tornando todos os abortos ilegais. O Projeto de Lei B adota uma posição amplamente pró-vida, declarando a maioria dos abortos ilegais, exceto em casos de risco de morte da mãe, estupro ou incesto.

Agora, suponha que uma votação informal tenha demonstrado claramente que o Projeto de Lei A, fortemente pró-vida, sofreria uma derrota retumbante, mas que o Projeto de Lei B, em grande parte pró-vida, poderia vencer a votação na Câmara. Em qual projeto o congressista cristão deveria votar? Ele quer acabar com o aborto. Mas se votar no Projeto de Lei A, que está fadado à derrota, o aborto a

pedido continuará sendo lei. Se, no entanto, votar no Projeto de Lei B, os abortos serão amplamente restringidos. Tragicamente, se ele se mantiver fiel ao seu idealismo e se recusar a votar no projeto menos favorável, terá condenado dezenas de milhares de bebês em gestação à morte. Por princípio.

Certamente, como cristãos, devemos nos esforçar para fazer tudo o que estiver ao nosso alcance moral para resistir ao mal. Aliás, esse deveria ser um dos princípios básicos da preocupação social cristã. Mas consideremos nossa situação atual: geralmente temos opções de voto imperfeitas, mas, mesmo assim, temos a oportunidade de votar contra o “mal maior”. Já que o melhor candidato muitas vezes não tem chance de vencer, não deveríamos votar de uma forma que efetivamente se oponha ao mal maior? Não seria esse um bom princípio — considerando nossas circunstâncias? Por que deixar o mal maior triunfar só porque encaramos a política como uma questão de tudo ou nada?

## Parte 3

# Avaliando Nossos Princípios

---

Este é o terceiro de uma breve série de artigos sobre a questão de se os cristãos devem ou não votar no menos pior. Agora estamos prontos para a importante questão da avaliação de nossos princípios.

Terceiro, avaliando nossos princípios. Neste livro, estamos considerando questões políticas, com foco especial no voto como um ato político importante que os cristãos devem praticar. Como crentes, muitas vezes vemos os nossos princípios sob ataque. Um de nossos princípios deve ser o de nos esforçarmos para proteger nossos outros princípios da melhor maneira possível contra a oposição da maioria. Argumento que, dadas as nossas circunstâncias, às vezes precisamos agir como realistas convictos e votar no menos pior para defender nossos princípios a longo prazo. Assim como as liberdades podem ser perdidas gradualmente, elas também podem ser restabelecidas gradualmente.

Infelizmente, muitos cristãos idealistas rejeitam qualquer apelo para votar no menos pior. Às vezes, perguntam: "Como cristão, por que você votaria no menos pior?". A resposta, claro, é: "Porque eu quero menos mal".

Alguns destes irão repreender indignadamente os cristãos realistas e pragmáticos, reclamando que eles nunca deveriam votar no menos

pior. Mas, quando considerada de uma perspectiva cristã, essa posição se contradiz e beira uma concepção messiânica da política. Afinal, os cristãos devem estar cientes de que, a menos que Cristo esteja na cédula, todo voto é para o menos pior. Jesus não diz: “Ninguém é bom senão um, que é Deus” (Marcos 10:18b)? De fato, ele pode até mesmo falar com seus seguidores como filhos do “Pai celestial” e, ainda assim, chamá-los de “maus”: “Se vocês, sendo maus, sabem dar boas dádivas aos seus filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lhe pedirem?” (Lucas 11:13).

Ao opor-se ao menor dos males, o cristão não poderia sequer votar no apóstolo Paulo, pois ele diz de si mesmo:

“Sou carnal, vendido à escravidão do pecado... Pois não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero... Descubro, então, que o mal está presente em mim, que quero fazer o bem”.

(Romanos 7:14, 19, 21)

Ele chega a citar a declaração universal do Antigo Testamento:

“Não há nenhum justo, nem um sequer”.

(Romanos 3:10)

Devido a essas realidades, nenhum cristão conservador pode evitar votar no menos pior. Votar no apóstolo Paulo seria — segundo o próprio Paulo — escolher o menos pior! Nenhum candidato neste mundo caído é perfeito; todos os candidatos têm falhas, algum "mal". Num mundo assim, não podemos escapar de votar no menos pior.

Indo um passo além, eu diria que tentar votar em um candidato “perfeito” votando em um terceiro partido nas eleições presidenciais nacionais é irrealista, arriscado e contraproducente. É irrealista porque excelentes candidatos de terceiros partidos têm um desempenho desastroso e vergonhoso nas eleições presidenciais. Eles

não têm absolutamente nenhuma chance de vencer. E, como consequência, projetam a imagem de um cristianismo ineficaz e atrasado, com pouca ou nenhuma influência.

Isso pode ser demonstrado estatisticamente. Por exemplo, na eleição de 2000, Patrick Buchanan, do Partido da Reforma, foi considerado por muitos cristãos um excelente candidato. No entanto, ele obteve apenas 448.895 votos de um total de 105.405.100! Isso representa 0,42% do total de votos. Howard Phillips, um cristão fervoroso que representava o Partido da Constituição, fiel à Bíblia, recebeu apenas 98.020 votos, ou 0,09% do total.

Tragicamente, Hitler venceu na Alemanha com votos divididos. “Hitler tornou-se chanceler (primeiro-ministro) da Alemanha sem nunca ter recebido mais de 37% dos votos populares nas eleições em que participou”.<sup>9</sup> Isso demonstra a natureza arriscada das candidaturas de terceiros partidos. Votos divididos podem frequentemente produzir resultados terríveis. Seis milhões de judeus pagaram com a vida por causa de votos divididos — assim como, em última análise, mais de 40 milhões que morreram no teatro europeu da Segunda Guerra Mundial.

Em quarto lugar, explicando nossos princípios. O realista de princípios reconhece a natureza do nosso sistema político americano:<sup>10</sup> é praticamente impossível, estatisticamente, que um candidato de um terceiro partido vença. Geralmente, eles apenas causam a derrota de um dos dois principais candidatos dos partidos majoritários, como Ross Perot em 1992. Em 1992, George H.W. Bush tinha projeções de vitória com até 55% dos votos, impulsionado por altos índices de aprovação e um governador pouco conhecido do Arkansas. Mas com a entrada de Perot na disputa e sua

---

<sup>9</sup> “Hitler and Germany: 1927–35,” Macro-History and World Report website. <http://www.fsmitha.com/h2/ch16.htm>

<sup>10</sup> N. do Tradutor: ou “sistema político brasileiro” para nosso contexto.

conquista de 18,91% dos votos, Bill Clinton venceu com apenas 43,01% dos votos nacionais. Clinton nunca foi eleito por maioria simples em nenhuma de suas duas vitórias presidenciais.

Alguns questionam a abordagem do "mal menor" argumentando que se trata simplesmente de uma escolha entre veneno rápido (o candidato ruim) e veneno lento (o candidato tolerável). Eles perguntam: "Por que preferir veneno lento a veneno rápido?". Eu perguntaria: qual você preferiria ingerir acidentalmente se estivesse a trinta minutos de um hospital? Na política, se tivermos que votar no "veneno lento", pelo menos podemos ganhar tempo para trabalhar em uma "cura". Afinal, o pior candidato geralmente vence quando os votos conservadores são desviados para candidatos utópicos. Ao desviar votos de um candidato tolerável, mas elegível, você está, na verdade, ingerindo um veneno de ação rápida por omissão.

Outros perguntam:

“Por que continuamos votando da mesma forma (em candidatos centristas), mas esperamos resultados diferentes (líderes com princípios cristãos)?”

Essa pergunta é uma faca de dois gumes, pois pode ser usada contra o idealista cristão:

“Por que alguns cristãos continuam votando em candidatos de terceiros partidos e vendo seus candidatos serem derrotados (recebendo menos de 1% dos votos), enquanto permitem que seus votos sejam efetivamente desviados para o candidato mais liberal?”

Bater a cabeça contra a parede em pequenos grupos não é uma boa estratégia.

Mas agora precisamos considerar:

## A Questão da Teologia

Como cristãos vivendo no mundo de Deus, precisamos entender que estamos aqui para ficar. E, ao assimilarmos essa ideia, será encorajador reconhecer um método importante da relação de Deus com o homem: o gradualismo, ou incrementalismo. Ou seja, Deus geralmente age gradualmente ao longo do tempo para cumprir o Seu propósito. Portanto, devemos estar dispostos a trabalhar arduamente pela nossa influência cristã na política ao longo do tempo, sem esperar que tudo se concretize da noite para o dia.

Este princípio teológico deve fortalecer nossa esperança no futuro. Ele nos permite buscar pequenas vitórias, agora, com o objetivo de alcançar vitórias maiores à medida que a história se desenrola. Assim, este princípio teológico demonstra a sabedoria prática de aceitar compromissos em nossas ações políticas (não compromissos com nossos princípios em si) no presente, visando obter influência a longo prazo. Em vez de encarar a política como uma empreitada de tudo ou nada, devemos reconhecer a importância da vitória gradual ao longo do tempo.

Nas Escrituras, encontramos o princípio do gradualismo incorporado nas ações de Deus na história. Deus age por meio de uma lenta providência ao longo do tempo, através de um gradualismo do tipo “um pouco aqui, um pouco ali” (Isaías 28:10). De fato, Ele encoraja o Seu povo perguntando retoricamente: “Quem desprezou o dia das pequenas coisas?” (Zacarias 4:10).

Por exemplo, vemos o gradualismo divino em ação em diversas questões teológicas na Bíblia.

**Redenção.** Deus prometeu a redenção logo após a entrada do pecado na raça humana no Éden (Gênesis 3:15). No entanto, sua

concretização ocorre milhares de anos depois de Adão, quando Cristo vem (Gálatas 4:4-5; cf. Efésios 1:10).

**Revelação.** Deus não nos deu toda a sua revelação escrita de uma só vez. Em vez disso, ele gradualmente revelou sua Palavra aos homens ao longo de um período de cerca de 1.500 anos, desde os escritos de Moisés (1450 a.C.) até a última parte do Novo Testamento ser escrita no primeiro século (Hebreus 1:1-2a; cf. 1ª Pedro 1:10-12).

**Santificação.** Mesmo na graciosa salvação de Deus, Ele opera gradualmente em nossas vidas. Embora nossa justificação traga a salvação como um ato único e definitivo (Romanos 4:2-3; 5:1), Deus opera a santificação em nós por meio de um processo contínuo ao longo de nossas vidas (1ª Pedro 2:2; cf. Filipenses 2:12-13).

É difícil para nós sermos pacientes em uma era de produtos liofilizados<sup>11</sup> e instantâneos, onde cientistas conseguem medir ações em nano segundos. Mas Deus nos ensina em Sua Palavra a trabalhar com paciência, visando o longo prazo. Não devemos nos desanimar se nossas atividades políticas não produzirem frutos imediatos. Às vezes, precisamos aceitar menos do que gostaríamos — votando no mal menor.

---

<sup>11</sup> N. do Tradutor: “Liofilizados” são alimentos desidratados por congelamento e vácuo.

## Parte 4

# A Questão das Escrituras

---

Esta é minha última postagem sobre a questão de votar no menos pior. As postagens anteriores devem ser lidas para que esta seja compreendida. Mas agora, como toda a minha argumentação até aqui se encaixa com:

### A questão das Escrituras

Acredito em uma cosmovisão cristã fundamentada nas Escrituras. Mas como podemos encorajar os cristãos a fazerem concessões em suas votações, mantendo sua cosmovisão? A questão da concessão é particularmente significativa para os cristãos que são inabalavelmente comprometidos com as Escrituras. Então, será que a questão da concessão mina todos os argumentos práticos apresentados pelos idealistas cristãos?

Este é um assunto importante a ser considerado, especialmente porque surge frequentemente em discussões políticas cristãs. A Bíblia tem algo a dizer sobre a questão do compromisso? Na verdade, sim. Ela permite um compromisso realista e baseado em princípios. Considere os seguintes exemplos.

**A prática de Jesus.** Cristo fez um acordo específico para não causar ofensa. Como Filho de Deus, ele não era obrigado a pagar o imposto de duas dracmas. No entanto, lemos em Mateus:

“Quando chegaram a Cafarnaum, os cobradores do imposto de duas dracmas aproximaram-se de Pedro e perguntaram: ‘O seu mestre não paga o imposto de duas dracmas?’ Ele respondeu: ‘Sim.’ Quando Pedro entrou na casa, Jesus falou primeiro com ele e disse: ‘O que você acha, Simão? De quem os reis da terra cobram impostos ou tributos, de seus filhos ou de estrangeiros?’ Quando Pedro respondeu: ‘Dos estrangeiros’, Jesus lhe disse: ‘Então os filhos estão isentos. Mas, para não os escandalizarmos, vá ao mar, lance o anzol e pegue o primeiro peixe que subir. Abra-lhe a boca e você encontrará um siclo. Pegue-o e dê-o a eles em nome de você e de mim’”.

(Mateus 17:24-27)

Ele poderia ter afirmado sua imunidade ao pagamento do imposto, o que teria reforçado sua reivindicação à divindade. Mas aqui ele "fez um acordo" nessa questão específica e pagou o imposto — para não causar ofensa.

De fato, considere a seguinte situação. Roma era uma nação pagã que dominava Israel, e cada legião carregava um estandarte idólatra (Signums) para sua identificação. O historiador judeu Flávio Josefo foi testemunha ocular da destruição do templo judaico no ano 70 d.C. Ele relatou que os romanos “levaram seus estandartes para o pátio do templo e, erguendo-os em frente ao portão oriental, ali lhes ofereceram sacrifícios e, com aclamações fervorosas, saudaram Tito como imperador” (Guerras 6:6:1). O pai da igreja Tertuliano (160-220 d.C.) escreveu:

“A religião dos acampamentos romanos se baseava inteiramente na adoração dos estandartes, colocando-os acima de todos os deuses”.

(Apologia 16)

No entanto, embora Jesus tenha interagido com soldados romanos, ele nunca os encorajou a deixar o exército (Mateus 8:5-13).<sup>12</sup> Nem João Batista, quando questionado diretamente pelos soldados: “Que faremos?” (Lucas 3:14).

Jesus emprega uma ilustração em seu ensinamento parabólico que reconhece que devemos pensar em termos de soluções práticas e estar dispostos a fazer concessões enquanto buscamos objetivos maiores.<sup>13</sup> Ele ensinou parábolas gêmeas sobre discipulado que empregavam concessões estratégicas para alcançar nossos objetivos finais.

“Pois qual de vocês, ao querer construir uma torre, não se senta primeiro para calcular o custo, a fim de ver se tem o suficiente para terminá-la? Caso contrário, depois de lançar os alicerces e não poder terminá-la, todos os que a virem começarão a zombar dele, dizendo: ‘Este homem começou a construir e não conseguiu terminar.’”<sup>14</sup>

“Ou qual rei, ao sair para a batalha contra outro rei, não se senta primeiro para avaliar se com dez mil homens tem força suficiente para enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? Ou então,

---

<sup>12</sup> By special privilege for Israel, Rome did not bring such images into Jerusalem.

<sup>13</sup> The parables themselves are actually teaching the cost of discipleship, and ultimately not calling for compromise. But the illustrations he uses are from the practical world regarding acceptable actions. We are focusing on the real-world illustration rather than the spiritual-life implication of discipleship. As one commentator notes: “Jesus constructs these parables along parallel lines: a hypothetical, demanding enterprise + analysis of the adequacy of existing resources vis-à-vis the requisite resources for achieving a successful conclusion to the enterprise + outcome when available resources fall short.” Joel B. Green, *The Gospel of Matthew* (NICNT) (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), 566.

<sup>14</sup> The implied compromise is that the man desiring to build a tower may have to drop the building project because of the likely failure to finish the project. He obviously wanted the tower, but he saw failure looming over the project, so would surely dismiss it.

enquanto o outro ainda está longe, envia uma delegação e pede termos de paz”.

(Lucas 14:28-31)

Na segunda parábola, o rei que planeja a batalha certamente deseja a vitória. Contudo, ao analisar realisticamente suas perspectivas, ele percebe o potencial de derrota. Consequentemente, ele começa a trabalhar em um acordo para resolver as diferenças com o rei rival.

Da mesma forma, hoje não abrimos mão de nossos princípios conservadores em relação ao governo constitucional adequado. Mas, às vezes, precisamos alterar nossas ações (nossos votos) em favor do menor dos males, visando manter o máximo possível de políticas e práticas constitucionais.

## Nossa Estratégia de Longo Prazo

Como venho salientando, estamos numa luta sociopolítica de longo prazo. Portanto, tenho insistido para que ajamos de acordo. Quer queiramos ou não, na política não podemos esperar sucesso da noite para o dia através de uma única eleição ou por meio de um candidato “perfeito”. Votar continuamente no candidato “perfeito” quando sabemos que ele vai perder não nos ajuda a construir o futuro, pois, ao fazê-lo, concedemos mais vitórias aos liberais declarados. O liberalismo é caótico. Quando a sua essência se espalha por todo o lado, é muito difícil limpar a bagunça.

Por que insistir em bater a cabeça na parede a cada ciclo eleitoral? Isso não traz nenhum benefício, a não ser servir como um prenúncio constante de que os cristãos estão se afastando de uma influência duradoura. Mas e aqueles com planos menos ambiciosos, que acreditam que votar no candidato cristão perfeito ao menos fará "uma declaração"? Na maioria das vezes, eles fazem a declaração errada: "Vamos perder esta eleição por Jesus". Seus baixos índices de

aprovação podem até fazer uma declaração, mas não uma declaração muito forte. Infelizmente, candidatos conservadores e moderados podem dividir os votos contra o candidato liberal, que representa uma ameaça.

Reconhecendo a necessidade de compromissos estratégicos e avanços graduais, devemos estar dispostos a buscar vitórias políticas menores enquanto isso. E, em vez de alimentar a esperança de que o candidato presidencial perfeito seja eleito, teremos que aceitar um candidato tolerável que funcione como um dedo na represa, efetivamente nos dando mais tempo — e nos impedindo de desperdiçar dinheiro e nossas esperanças políticas em uma causa perdida. A mudança tende a ser geracional, e não repentina.

Não devemos esperar mudar a nação de uma só vez. Em vez disso, devemos nos dedicar à tarefa mais gerenciável de mudar um partido político por dentro. Transformar um partido político que seja relativamente próximo de várias de nossas posições é mais fácil do que tentar mudar uma nação inteira que é literalmente "uma bagunça". Quer queiramos ou não, o governo americano é, na prática, um sistema bipartidário.

Se tudo der errado, talvez precisemos criar um novo partido político a partir do partido estabelecido, aquele que representa o "menos pior". Mas isso precisaria começar em um nível mais local e, a longo prazo, evoluir para cargos mais altos e objetivos maiores. Por exemplo, hoje muitos cristãos tendem a depositar muita esperança na eleição presidencial, almejando o grande prêmio. A participação nas eleições de meio de mandato costuma ser cerca de 20% menor do que nas eleições presidenciais. Devemos começar trabalhando localmente, em pequenas esferas, em vez de tentar alcançar a presidência de imediato.

O ex-presidente da Câmara dos Representantes, Tip O'Neill, cunhou a frase: "toda política é local". Com isso, ele queria dizer que

as pessoas tendem a votar em questões de interesse e importância local. Isso exige que os políticos reconheçam as necessidades de seus eleitores. E, como isso geralmente é verdade, também ressalta a importância de aprender sobre as necessidades locais trabalhando em cargos de nível inferior — como treinamento para cargos mais altos.

Nos primórdios, nossa nação era mais voltada para o localismo. É claro que o transporte lento e a comunicação limitada contribuíram muito para isso. Hoje, os cristãos precisam se interessar mais (mas não exclusivamente) pelas eleições locais, como para prefeito, câmaras municipais e distritais, administradores distritais, xerifes e assim por diante. Depois de obtermos sucesso e experiência nessas áreas mais locais, podemos avançar para as assembleias legislativas estaduais e governos estaduais. E então para cargos no Congresso e no Senado, e, por fim, para a presidência. É preciso lançar alicerces sólidos antes de se poder colocar uma cúpula dourada sobre eles.

# Conclusão

## Como Cristãos Estamos Comprometidos com Princípios

---

Como cristãos evangélicos conservadores, estamos comprometidos com princípios que são a essência do nosso ser. As convicções doutrinárias que professamos em relação à nossa fé sagrada servem como o próprio alicerce de nossas vidas — são nossos princípios mais básicos. E como servos de Cristo, amamos e buscamos o certo, o justo e o bom. Conseqüentemente, é difícil para nós fazermos concessões, visto que nossas vidas estão enraizadas em princípios dados por Deus.

É claro que não abrimos mão dos nossos princípios. Isso nos tornaria algo que não somos. Mas, às vezes, precisamos abrir mão dos nossos métodos. Ao promovermos a política cristã em um ambiente misto e antagônico como o que temos nos Estados Unidos, precisamos reconhecer a oposição que enfrentamos. Precisamos aceitar, como princípio político, que teremos que nos opor ao mal maior, votando, por vezes, pelo bem menor.

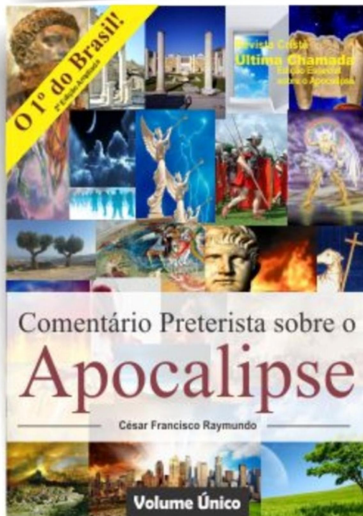
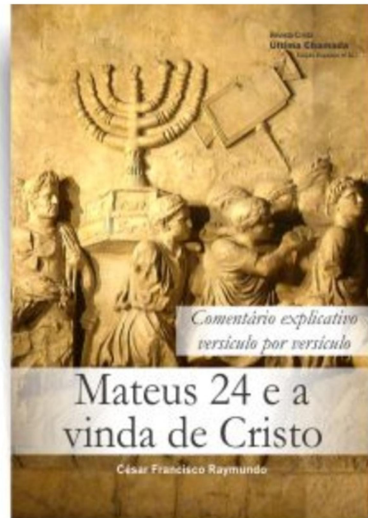
Neste capítulo, vimos como nosso objetivo de longo prazo, a vitória, muitas vezes envolve uma estratégia de curto prazo, dolorosa, porém necessária. Devemos reconhecer o panorama geral e aprender a ter paciência para tentar localizá-lo da maneira correta. Vimos como

até mesmo a teologia e as Escrituras permitem concessões em nossos métodos na busca pelo bem maior. Votar no menos pior é necessário em um mundo caído, onde toda ação humana é contaminada pelo mal.

# Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

[www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)



Revista Cristã  
Última Chamada

O livro mais  
**Amargo**  
da Bíblia dá suporte a



## Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

## PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER  
A PROFECIA BÍBLICA



revista cristã  
última chamada

Refutando o  
Amilenismo  
Dispensacionalismo  
Pré-milenismo  
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã  
última chamada

E se Deus  
não tivesse nascido  
de mulher?